

Marco Antônio Vaz de Lima:

O Comunitário precisa ser o protagonista de todas as etapas do turismo de base comunitária do baixo Rio Negro

Marco Antônio Vaz de Lima é amazonense, nascido em Barreirinha, mas desde um ano de idade, morando em Manaus. É funcionário público da Prefeitura Municipal de Manaus, vinculado a Secretaria de Meio Ambiente. Foi gestor do Parque Municipal do Mindu, do Parque Nacional do Jaú onde participou efetivamente na elaboração do Plano de Manejo dessa unidade. Foi também gestor do Parque Municipal das Nascentes do Mindu, aonde estão localizadas as principais nascentes do igarapé do Mindu. Trabalhou durante seis anos como coordenador de projetos do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), na região do Baixo Rio Negro, onde teve a oportunidade de coordenar o Fórum de Turismo de Base Comunitária, um espaço aberto de discussões sobre a temática do Turismo Comunitário na Região Metropolitana de Manaus. No início dos anos 2000 assumiu a Gestão da RDS do Tupé, onde teve a oportunidade de coordenar a criação do Conselho Deliberativo e o Plano de Uso Público dessa unidade, ficando até o final de 2008. Em julho de 2016, retornou para a Gestão da RDS do Tupé e coordenou a elaboração do Plano de Gestão da referida unidade, documento aprovado e publicado no dia 25 de setembro de 2017. Recentemente em reunião realizada em junho de 2017, no município de Novo Airão/AM, assumiu a presidência do Conselho Consultivo do Mosaico de Áreas Protegidas do Baixo Rio Negro

Terceira Margem (TM) - Fale um pouco sobre o trabalho de construção do Fórum de Turismo de Base Comunitária do baixo Rio Negro? Como foi esse processo?

Marco Antônio (MA) - Antes de falar do processo é importante relembrar algumas coisas. Acredito que o pontapé inicial para esse trabalho se deu a partir de uma proposta que o IPÊ (Instituto de Pesquisas Ecológicas)

aprovou no Ministério do Turismo, naquele edital sobre turismo de base comunitária. E aqui no estado do Amazonas foram duas propostas aprovadas: a do IPÊ, para a região que a gente chama de entorno sul, do Parque Nacional de Anavilhanas, que é a região aqui do baixo Rio Negro; e a da Fundação Vitória Amazônica que aprovou uma outra proposta deste mesmo edital para um trabalho com turismo de base comunitária lá no Rio Unini. E quando esse projeto já estava em vias de finalização, já no encerramento, nós fizemos uma oficina no Parque Municipal do Mindu, em fevereiro de 2011 e o objetivo dessa oficina era fazer um plano de ação de todo o estudo que tinha sido realizado.

TM - E durou quanto tempo?

MA - O projeto é de 2008, mas acho que os recursos começaram a vir em 2009.

TM - Um ano de duração?

MA - Eu acho que foram quase dois. Porque em fevereiro de 2011 a gente estava finalizando. A gente precisava fazer essa oficina, no intuito de fazer um plano de ação de um produto a ser enviado para o Ministério do Turismo como finalização do projeto, prestação de conta e aquela coisa toda. E aí nessa oficina no Parque do Mindu nós tivemos um grupo bem heterogêneo, de pessoas representando diversas instituições governamentais, não governamentais, pessoal do *trade turístico*, comunidades, pessoal da academia. Naquele momento estava o pessoal da UEA também. E aí a gente foi trabalhando durante o dia e quando chegou na hora do almoço a gente reuniu um grupo de pessoas e ficamos refletindo. Nós estamos fazendo mais um planejamento, esse planejamento daqui a pouco é um produto que vamos mandar para o Ministério do Turismo, vamos mandar tudo direitinho e aí? Vai ficar mais um planejamento colocado dentro da gaveta que a gente não implementa, vai ficar por isso mesmo? A gente vivencia essa situação, de termos até bons planejamentos, mas que poucos saem do papel. E aí a gente refletiu e achamos por bem lançar uma proposta. Conversamos com algumas pessoas que a gente achava que seriam estratégicas para essa situação. E lançamos a proposta. A ideia era criar um grupo de trabalho sobre essa questão de turismo de base comunitária, para tentar de alguma

forma ir implementando esse plano de ação. Assim fizemos, no final da reunião da oficina lançamos a proposta e ela foi aprovada, o pessoal topou seguir junto. E aí nós criamos o grupo de trabalho. Passado esse momento a gente começou, porque sempre tem que ter alguém puxando. E o IPÊ naquele momento, como estava fazendo a organização, estava lançando essa proposta, se comprometeu em estar puxando, animando esse processo. E aí a gente começou a puxar algumas reuniões, já sabíamos quem seriam aquelas pessoas estratégicas para a discussão dessa temática, pessoas que estavam inclusive na oficina. E começamos a trabalhar, a reunir. Inicialmente a gente tentou levar esse grupo de trabalho para a estrutura de um Conselho de Unidade de Conservação que existia aqui na Região do baixo Rio Negro. Essa região que a gente está falando do entorno sul, do Parque Nacional de Anavilhanas. A proposta inicial era que fosse para o Conselho do Parque Sul, na época a gestora era a Cilene, ela topou e tentou viabilizar isso. Só que chegou um momento que a gente viu que era muito burocrático, que a gente ia passar muito tempo para resolver essa situação e se a gente ficasse esperando por isso estava sujeito a ideia morrer e a gente parar. E acabava. E aí a gente conversando achou por bem criar um fórum aberto de discussões, porque aí não tem comprometimento institucional. A gente vai ter um grupo de pessoas interessadas em discutir essa temática e a gente estabelece regras mínimas para a gente poder conseguir se reunir. Assim fizemos e começamos o trabalho com a cara de fórum e isso demorou um tempo. Isso demorou quase um ano nessa discussão de como é que leva para a estrutura de um conselho ou não. Foi o tempo que a gente conheceu a professora Cristiane e que ela estava fazendo o trabalho de mestrado dela. Você já tinha terminado nessa época?

TM (Cristiane) - Ainda não. Em 2012 sim, já tinha defendido.

MA - Foi quando a gente convidou ela para participar desse grupo e a partir daí ela se engajou no processo e outros professores aqui da UEA. Na época a Susy estava começando eu acho que o doutorado. Se engajou também e foram bastante atuantes nesse processo. Susy, professora Cristiane, professora Glaubécia, depois a professora Jocilene e outros também, professora Simone, que de alguma forma participou também. E aí a gente chegou ao ponto de conseguir reunir uma vez por mês. Definimos

uma carta de princípios para o Fórum que tem até hoje, e o Fórum, a gente tem certeza que alavancou muitas coisas interessantes. Esse grupo hoje está um pouco adormecido, mas ele não morreu. Ele está aí. Acho que pode acontecer muita coisa ainda a partir desse grupo.

TM - Como o senhor define o Fórum?

MA - Eu defino o Fórum, antes de tudo, como um grupo de pessoas comprometidas com essa temática de turismo na nossa região. E principalmente com essa questão do turismo de base comunitária, e essas pessoas veem isso como uma alternativa interessante para desenvolver um trabalho nessa região. Fizemos inclusive uma oficina lá na comunidade Três Unidos, a Cristiane liderou esse processo, porque nós queríamos na época estabelecer diretrizes para a questão de turismo de base comunitária. Chegamos a fazer uma segunda oficina na comunidade Tumbira. Eu não participei dessa segunda, mas aconteceu. E esse material está todo aí guardado. Por que a gente fez nas comunidades? Porque era justamente para ter uma participação massiva dos comunitários, porque a gente imagina que eles é quem são os protagonistas desse processo. E esse material está guardado aí, uma hora ele vai servir. Porque a nossa ideia é que a gente possa levar isso para os tomadores de decisão, para os gestores. Para que eles possam a partir disso estabelecer até políticas públicas para essa questão.

TM - Apenas para situar o leitor dessa entrevista que não é do estado, onde se localiza essa região do baixo Rio Negro?

MA - O baixo Rio Negro é uma região que a gente identifica como essa região mais próxima a Manaus. Porque o Rio Negro, a gente ouviu falar do Alto Rio Negro que é a região de São Gabriel da Cachoeira. No Médio Rio Negro, que é aqui a região entre Santa Isabel do Rio Negro e Barcelos. E no Baixo Rio Negro, que é a região já aqui de Novo Airão mais ou menos, um pouquinho acima. Inclusive tem o Mosaico de Áreas Protegidas do baixo Rio Negro, que é um conjunto hoje de 12 unidades de conservação que engloba toda essa área que a gente chama de baixo Rio Negro. É uma área de 12 unidades de conservação: oito unidades estaduais, três federais e uma municipal. E essa área para se ter uma ideia é uma área com mais de sete milhões de hectares. Imensa, né?

TM - O Fórum ainda está funcionando? Quais são as instituições que integram o Fórum?

MA - Hoje são instituições daqui do estado. No auge do Fórum, quando a gente inclusive planejou estabelecer as diretrizes e tudo mais, se imaginou que isso poderia se replicar para outras regiões não só do estado do Amazonas, mas como da Amazônia. E a gente não conseguiu continuar avançando dessa forma, porque aconteceram algumas coisas no meio desse caminho. Eu acredito que 2014 deve ter sido o auge, entre 2014 e 2015. Porque inclusive tinha a questão da Copa do Mundo acontecendo. Aí aconteceram algumas situações, mudanças de governo, veio a situação da crise por qual o país ainda está passando, infelizmente, e tudo isso criou uma série de dificuldades. As ONG's hoje estão com poucos projetos, com dificuldade de recursos, as instituições governamentais passam por dificuldade, a gente sabe disso. Houve mudança de governo que por si só já muda muita coisa nas estruturas. Tudo isso foi acontecendo. Como é um fórum aberto, você vem, participa e em determinado tempo você não tem mais interesse e sai. Outras podem vir, mas tem instituições que, por exemplo, a gente considera praticamente cativas nesse processo. Instituições como a, na época SDS, agora Sema tem uma participação relevante, até por conta das Unidades de Conservação que estão nessa região. A Prefeitura de Manaus com as Semas, o IPÊ. O IPÊ (ONG) hoje está meio que desmantelado, mas ainda tem pessoas participando e eu, mesmo sendo da prefeitura, nunca deixei de ser IPÊ. A gente continua de alguma forma ajudando nesse processo. A Fundação Amazonas Sustentável. O pessoal das comunidades, por exemplo, o seu Peba jamais deixou de participar, de colaborar, de ajudar. O próprio pessoal da Amazonastur, com todas as dificuldades, mas tem participado. O pessoal do Sindicato de Turismo, a Rosilda tem sido sempre participativa nesse processo. Quer dizer, são algumas instituições que quer queira, quer não, estão sempre participando. Eu acredito que o Fórum hoje está meio desativado, mas na hora que a gente chamar todos virão, com certeza.

TM - Quais as principais conquistas do Fórum?

MA - Acho que inicialmente a formação desse grupo, porque são pessoas, como eu falei, são muito comprometidas. Além de nos tornarmos amigos, é um grupo de pessoas que realmente, quando se compromete

com uma determinada coisa, leva adiante. Daí a gente conseguiu várias conquistas ao longo desse tempo. Eu acho que a participação dos membros do Fórum em vários encontros, instâncias, inclusive em nível internacional. Porque nós tivemos a participação da Nailza e da Susy em um evento em Londres. Participação em vários encontros em nível nacional, ENTBL em Juiz de Fora, eventos em Rio Branco, em São Luís, em Belém. Em todos esses locais alguma vez fui eu, outra foi a Susy, outra foi a Cilene, outra foi a Nailza. Cada um estava habilitado a falar um pouquinho da experiência que a gente vivencia aqui. Eu acho que foram conquistas importantíssimas. A questão do material de divulgação que a partir daquele material a gente estabeleceu uma arte. Várias instituições se comprometeram e houve várias tiragens daquele material. Por conta disso a gente fez muita divulgação do trabalho. A inclusão de roteiros da região no Passaporte Verde, na época da Copa do Mundo. Acho que isso foi uma grande conquista também. Sem falar algumas publicações a partir do Fórum, de livros e outros. Pessoas escrevendo artigos e tudo mais.

TM - Uma conquista que eu acho que seria interessante colocar, foi que a partir dessa discussão, da temática do turismo comunitário, a UEA vem realizando desde 2011 o Encontro de Turismo Comunitário da Amazônia. E desde a primeira edição a gente vem tentando construir, digamos assim, o entendimento sobre o que seria esse turismo comunitário com as comunidades. Então, como o Marco falou dessas oficinas que aconteceram em Três Unidos e depois no Tumbira, foi o início de pensar uma proposta. O que essas comunidades entendem por turismo comunitário? Porque uma coisa a gente via muito, existe turismo do Rio Negro, turismo em várias comunidades, mas de fato quais são os princípios que regem esse entendimento sobre turismo comunitário? Foi muito legal, os princípios que o Marco falou, os princípios também foram sendo construídos no Fórum e a gente percebe esse engajamento das pessoas. Foi dada essa missão para o Fórum, vamos para o evento tal, vamos participar de uma feira tal. Quem pode ir? Quantas pessoas podem ir? Quem pode ajudar com isso? Então você percebe que o Fórum é de pessoas mesmo, não é só de instituições.

TM - O senhor poderia aprofundar quais são os princípios do turismo base comunitária?

MA - Eu acho que essa parte teórica é mais a professora Cristiane que vai ajudar. Mas, com certeza é essa coisa do protagonismo mesmo das comunidades. Da coisa acontecer a partir sempre delas. Até porque a gente imagina que a gestão desse negócio, desse empreendimento, seja a partir do que eles façam. Tanto é que os roteiros, quando o grupo de pessoas, de visitantes ou a pessoa individual acertava, ele acertava o pacote diretamente com o comunitário. A gente não tinha interferência nisso. Isso de alguma forma até dificultava, porque às vezes o turista não quer trazer dinheiro para pagar, ele quer pagar com cartão de crédito. O comunitário não tem isso. E tem toda essa dificuldade que é uma dificuldade que é enfrentada até hoje, mas era tudo com o comunitário. Inclusive com a possibilidade de dentro daquele pacote, que era acertado lá, destinar uma porcentagem para a associação comunitária daquela comunidade. Foi tudo pensado dessa forma. E a gente imagina que o princípio de tudo é essa situação, em que o comunitário seja realmente protagonista de todas essas etapas da atividade.

TM (Cristiane) - Acho que esse é o princípio maior. Assim, tem alguns outros que a gente coloca como o associativismo, o cooperativismo, deles trabalharem realmente em rede. De chegar e ver que na comunidade existem famílias que prestam determinado serviço. A gente inclusive não usa muito esses termos no turismo comunitário porque a gente entende que é uma outra perspectiva. Do turismo mais responsável, envolvido com a questão cultural muito mais forte do que essa simples troca de lar. Conhecer, pronto, vai embora. Não, tem esse envolvimento, tem essas trocas culturais. Então assim, isso que o Marco falou é a essência do turismo comunitário. Da comunidade se apropriar disso, de ela pensar qual é a forma que ela vai gerir, ainda que tenha o processo capitalista de pano de fundo, mas são outras relações que se estabelecem também. Vai ter que ter o pagamento, claro, mas em uma outra perspectiva, mais de reconhecimento da experiência vivenciada.

MA - E eu acho que uma coisa também que a gente enfatiza em todos os nossos momentos, principalmente com a comunidade, tá aqui, o seu Peba, pessoa que representa a comunidade, e que a gente sempre fala que

não é o turismo que vai resolver tudo. Turismo é uma possibilidade, uma alternativa e a gente não quer que o comunitário que presta aquele serviço deixe de ser pescador, deixe de ser agricultor, de ser artesão, por conta do turismo. Queremos que ele continue sendo aquilo que ele desempenha lá na comunidade dele, lá onde ele mora.

TM - Quais as dificuldades encontradas para manter vivo e atuante esse Fórum? Eu acho que você já colocou algumas, mas quais seriam essas dificuldades?

MA - A limitação de tempo que você tem na sua instituição. Essa situação, cada mudança de governo você fica a mercê, porque você tem pessoas ali comprometidas naquele momento, mas que poderão, de acordo com a vontade dos governantes, serem tiradas daquelas funções. Nada é eterno. A gente sempre precisa de renovações, de mudanças, e às vezes as mudanças são muito positivas, mas às vezes até você começar a engrenar tudo de novo, demora um pouquinho. Eu vejo que isso também é uma dificuldade. A própria questão da crise, da limitação de recursos. Nós nunca tivemos recursos alocados diretamente para o Fórum, mas por meio da iniciativa das pessoas, do interesse, era possível dentro das instituições. Cada um de nós representando as suas instituições a gente insistia até conseguir dentro dos orçamentos das instituições alocar alguns recursos que nos possibilitou fazer algumas atividades. Eu falei aqui alguma coisa do material de divulgação que a gente conseguiu fazer impressões, custear alguma coisa de viagem, passagem, essa coisa toda. Tudo isso ajudou e hoje nós estamos cada vez mais limitados, os orçamentos cada vez mais limitados para essa questão.

TM - Quais as metas do Fórum para os próximos anos?

MA - Acho que a principal meta é não deixar o Fórum acabar, morrer. É continuar movimentando essa roda. Com todas essas dificuldades que nós estamos tendo hoje, as comunidades ainda veem nesse grupo, um grupo importante para alavancar essas atividades, até por conta da distância dos órgãos governamentais com essa temática do turismo.